

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
EDUARDO GEADA: O OLHAR DO DESEJO
28 de Maio de 2025

PASSAGEM POR LISBOA / 1994

Um filme de Eduardo Geda

Realização: Eduardo Geda / Argumento: Eduardo Geda, Norberto Barroca e David Prescott / Direcção de Fotografia: Mário de Carvalho / Direcção Artística: António Casimiro / Música: Mário Laginha / Som: Gita Cerveira / Montagem: Manuel Mozos / Interpretação: Anthony Story (Jorge), Margarida Reis (Madalena), Jennifer L. Hamilton (Pola Negri), Tom Hardy (Leslie Howard), George Ritchie (Campbell), Jessica Weiss (Ruth), Benjamim Falcão (Antunes), Guilherme Filipe (Daniel), Luis Anjos (Juan Garcia), Manuela Queiroz (Odete), Armando Cortez (tio), Manuela Maria (tia), Augusto Portela (António Lopes Ribeiro), etc.

Produção: Animatógrafo / Produtor: António da Cunha Telles / Cópia: DCP, colorida, legendada eletronicamente em português / Duração: 108 minutos / Estreia em Portugal: Amoreiras e Mundial, a 30 de Setembro de 1994.

Passagem por Lisboa foi a última experiência de Eduardo Geda na realização de cinema, que aqui terá posto um fim a uma carreira iniciada nos derradeiros instantes do regime do Estado Novo – e iniciada, então (1973), com alguma tonitruância, num filme bem revelador dos tempos de mudança que se viviam e que em breve seriam confirmados (**Sofia e a Educação Sexual**, obra que à época fez correr muita tinta). Chegando ao cinema no tempo exacto da revolução da 1974, parte significativa da obra de Geda decorreu sob esse signo, mormente através de filmes como **O Funeral do Patrão** (1975) ou **A Santa Aliança** (1977), entre outros títulos directamente ancorados na experiência e reflexão do momento vivido. Nos anos 80, e adaptando Rodrigues Miguéis em **Saudades para Dona Genciana**, Geda abriu uma direcção nova para o seu cinema, aproximando-o do romanesco e procurando retomar uma tradição – entretanto bastante danificada – do espectáculo com apelo popular.

Mas a esse filme seguiu-se um interregno de quase dez anos, apenas quebrado com o título que vamos ver nessa sessão. Sendo uma história original, sem qualquer matriz literária, essa mesma vocação romanesca e tradicionalista está bem presente, num filme que convoca a História (com H grande) e a pequena história do cinema, quer pelas incidências narrativas e pela galeria de personagens quer pela busca de um tipo de ambiente que se aproxime do “estilo” genérico dos melodramas, capazes de misturar romance e espionagem, que nos anos 40 frutificaram, do cinema americano para o imaginário do resto do mundo – e evidentemente com **Casablanca** à cabeça, que é o filme que, por diversas razões, **Passagem por Lisboa** mais trabalha enquanto evocação “muda”. A proposta é singular e não tem muitos paralelismos no cinema português, cinema pouco dado a “géneros” (até porque os “géneros” são um produto da “indústria” que em Portugal apenas incipientemente existiu) e raramente capaz de conseguir os

meios para uma reconstituição de época verista ou realista. Os meios para isso também não os tinha **Passagem por Lisboa**, razão pela qual opta, com coerência, por um grau de artificialismo resultante da predominância das cenas de interiores – é mais económico reconstituir o ambiente de um salão dos anos 40 do que, por exemplo, uma artéria movimentada ou um espaço público da mesma época. Mas o verismo encontra-se, sobretudo, na galeria de personagens, na multiplicidade de figuras reais (e realmente “passadas” por Lisboa nos anos da II Guerra), como Pola Negri ou Leslie Howard, sinal, entre outras coisas, da costela cinéfila de Geada, que tem também um vasto trabalho como crítico, estudioso e divulgador da história do cinema.

Forçoso será dizer que o filme não encontra bem os seus modelos, nem, em rigor, se lhes pode comparar, e talvez não seja mais do que uma pequena vénia a um cinema tornado impossível de fazer. Em todo o caso, conviria não confundir – pela ambição mas também pela dimensão histórica – **Passagem por Lisboa** com o passadismo popularucho de outras experiências mais recentes no cinema português: Geada não explora a nostalgia, antes tenta construir um olhar sobre ela. E isso faz uma certa diferença.

Luís Miguel Oliveira